

**LIBERTAÇÃO E ARTE POÉTICA:  
UMA LEITURA DE *CRIAR*, DE AGOSTINHO NETO**

**CÍCERO ÉMERSON DO NASCIMENTO CARDOSO<sup>1</sup>**

**INTRODUÇÃO:**

Após anos de dominação lusitana, Angola, impulsionada pelo exemplo de outros países africanos que conquistaram independência política, decidiu enfrentar a dominação do colonizador e mudar os rumos de sua história.

A literatura tornou-se um meio através do qual ideias de libertação foram veiculadas com veemência, o que nos possibilita, atualmente, realizar leituras das obras produzidas em Angola, em meados da década de 1960, sobretudo pelo viés do posicionamento ideológico dos literatos considerando-se que, além de alguns deles estarem à frente dos movimentos políticos, produziam obras que discutiam, com marcante tendência ao engajamento, a necessidade de repensar a realidade do país.

No final da década de 1950, e início da década de 1960, foi perceptível a ocorrência de várias manifestações de cunho político perpetrados pelo MPLA – Movimento Pela Libertação de Angola. Surgiu também, neste período, uma crescente produção literária em Angola. Sobre o assunto, Ervedosa aponta que (1979, p. 133)<sup>2</sup>: “Nos primeiros anos da década de 60 registra-se em Angola um intenso movimento literário, nunca até ali presenciado”.

Agostinho Neto, cujo engajamento se fez notar na poesia e na sua ativa participação na vida política de seu país, foi o primeiro presidente de Angola – que se tornou independente em 11 de novembro de 1975, como Ervedosa descreve: (*ibidem*, p. 152): “Às 0 horas do dia 11 de Novembro de 1975, o Dr. Agostinho Neto, presidente do MPLA, proclama em Luanda, no Largo 1º de Maio, a independência de Angola”.

Com expressivos ideais libertários, alto teor reivindicativo e um discurso que conclama seus patriotas à luta pela restituição da terra usurpada pelo colonizador lusitano, Agostinho Neto produziu obras que problematizam a resignação do seu povo ante a presença do colonizador que usurpava, dentre outros valores, sua identidade.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras e Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Portuguesa e Africana de Língua Portuguesa, pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC – e Mestrando em Estudos Comparados – Literatura e Teoria Crítica, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: emersoncardoso.cardoso@hotmail.com

<sup>2</sup> ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2. ed. Lisboa: União dos Escritores Angolanos, 1979.

Chaves (2005, p. 248)<sup>3</sup> aponta-nos que: “No palco da colonização, os confrontos entre dois universos culturais, entre dois modos de ver e estar no mundo, foram constantes e assumiram, muitas vezes, a forma de conflito”. Este conflito teria se dado, e atualmente ainda é expressivo, sobretudo, em decorrência, nas palavras de Chaves (*ibidem*, p. 249), de um “processo doloroso em que a incomunicabilidade permanece como a grande ameaça”. Esta incomunicabilidade teria se dado com ênfase num plano da dicotomia colonizador/colonizado, mas estendeu-se também às próprias pessoas que eram nativas do continente africano o que, para a autora, se constituiu como um problema tão grave quanto o jugo do colonizador sobre os povos colonizados.

Desta feita, Chaves (*ibidem*, p. 248) afirma que:

Mergulhar na história dos povos africanos é perceber a sucessão de impasses que enfrentaram e observar que, no conjunto das relações ali processadas, as cores da violência tingem o desenho da contradição que é, afinal, a marca essencial de sua existência.

Consideramos que a produção literária em Angola, e em vários poemas de Agostinho Neto percebemos isto com nitidez, se constitui um exemplo profícuo para entendermos esses impasses instigadores da violência a que a autora alude. A este respeito ela afirma (*ibidem*, p. 250) que: “Com vínculos tão fortes com a História, a literatura funciona como um espelho dinâmico das convulsões vividas por esses povos”.

Pontes (1999, p. 121)<sup>4</sup>, a propósito da obra de Agostinho Neto, aponta para o fato de que esta deve ser vista como uma produção literária: “De indignação, afirmação, combate e empenhamento”. Desse modo, podemos dimensionar o teor da poesia desse autor e considerar que seu tema, por excelência, seria a reivindicação contra o domínio do colonialista lusitano.

Além disso, percebemos que os ideais de renovação, a insatisfação ante a realidade social, política e econômica vigente em seu país e a necessidade de instigar o angolano à luta contra o opressor lusitano são os elementos com os quais o autor constrói sua poética. Atrelada a estas discussões, devemos apontar nele a sensibilidade poética com que ele constrói sua obra.

---

<sup>3</sup> CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: o lugar das diferenças nas identidades em processo. In: *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

<sup>4</sup> PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afro-brasileira: estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto*. Fortaleza: EUFC; Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

Com influência da poesia brasileira que se dá a partir da década de 1950, Chaves (*ibidem*, p. 258) aponta para o fato de que a poesia de países africanos de língua portuguesa, e Angola não foge à “regra”, privilegia:

O culto do verso livre, a pluralidade de formas, a incorporação de personagens extraídos das camadas populares da população, o canto da dor do homem comum, o cultivo de uma linguagem que desabridamente se aproxima do registro coloquial e rompe com os padrões engessados da norma culta seriam abrigados pelos movimentos da ficção e da poesia integrados por aqueles que criavam pensando no país a ser inventado.

Após esta breve explanação, passaremos para a leitura que pretendemos desenvolver sobre o poema *Criar*<sup>5</sup> de modo a apontar neste texto a insubmissão de uma voz lírica que conclama o povo à ação. Dotado de um clamor emitido por uma voz lírica que expressa seu desejo de renovação e não se contenta com o não engajamento, antes intensifica sua necessidade de reagir, de repensar, de realizar um gesto capaz de alterar o rumo da história.

## 2 – DOS VALORES IDENTITÁRIOS DO POVO ANGOLANO

Hall (2006, p. 10)<sup>6</sup> apresenta três concepções sobre identidade. A identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito da pós-modernidade. Este apresenta o que constituiria cada uma dessas identidades e, ao discorrer sobre o sujeito da pós-modernidade, enfatiza o fato de que este teria sido produzido por mudanças advindas das relações do sujeito com o mundo conflitante em que está inserido. Para Hall (*ibidem*, p. 12), o sujeito pós-moderno não teria “uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Em seguida, ele afirma: “A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Numa discussão que coaduna com a concepção pós-modernista de Hall, Tutikian (2006, p. 11)<sup>7</sup> aponta para o fato de que: “Uma época, uma cultura e uma história que

---

<sup>5</sup> DANTAS, Elisalva Madruga; ANDRADE, Danielle Campos; GODOI, Edileide (orgs.). *Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros*. João Pessoa: Ideia, 2007.

<sup>6</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>7</sup> TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.

chegam ao fim, enquanto se inicia outra e, aí, pensar a literatura é ainda, e cada vez mais, pensar a questão da identidade”. Desta feita, para Tutikian (*ibidem*, p. 11 – 12):

A identidade de uma nação passa a relacionar-se a uma série de elementos que vão da língua à tradição, passando pelos mitos, folclore, sistema de governo, sistema econômico, crença, arte, literatura, etc., passado e presente, *mesmo* e *outro*, não sendo, portanto, um fenômeno fixo e isolado. [Grifos da autora]

Por este viés, consideramos pertinente discorrer sobre a produção literária de Angola – terra cujos valores identitários sofreram, em decorrência da violenta dominação do colonizador lusitano, um processo de depreciação que não a resguardou de um evidente “obscurecimento” cultural.

Por meio da arte poética de alguns autores – Agostinho Neto o fez com ênfase –, foi perceptível o surgimento de concepções que reivindicavam, dentre outros aspectos, a retomada dos valores identitários desse país. Um meio de retomá-los seria, portanto, conseguir sua libertação política. Angola, embora espoliada política, social e culturalmente, reivindicava sua libertação política, porém mais que a libertação política buscava libertar-se do jugo do estrangeiro que impusera, por séculos, sua presença pouco amistosa.

Essa disparidade cultural – de um lado o colonizado, que se vê submetido à violenta presença do invasor; e do outro a do colonizador, que se julga detentor de um poder de posse territorial que é ampliado pela errônea sensação de que seria superior por ser branco – torna a luta dos militantes políticos e poetas dessa terra uma ação mais que legítima, uma vez que há a necessidade, por parte destes, de devolver ao povo a possibilidade de construir uma nova história, embora marcada pelas diferenças trazidas pelo colonizador, seria possível revivificar o que não fora apagado da memória do povo.

Nesta perspectiva, ao discorrer sobre cultura versus o poder imperialista exercido sobre países africanos de língua portuguesa, Tutikian (*ibidem*, p. 13) aponta para o fato de que nessa relação o “poder de narrar ou de impedir de narrar” se constitui como algo problemático. Para ela: “As narrativas de emancipação na Africana de língua portuguesa [...] terminaram tornando-se elementos de forte mobilização de povos e forte forma de resistência, além de uma tentativa de fortalecimento e resgate das identidades locais”. Ela aponta, ainda, que a “literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade”.

Ao discorrer sobre a poesia, Moisés (p. 68)<sup>8</sup> orienta para o que seria o objeto desta: o próprio “eu”. Embora o “eu” seja o motivo por excelência da poesia, Moisés propõe que “os elementos que compõem o mundo exterior, o plano do “não eu”, somente interessam e aparecem no poema quando interiorizados, ou como áreas específicas em que o “eu” do poeta se projeta, o que significa [...] estar o “eu” à procura da sua própria imagem, refletida ou projetada na superfície do mundo físico”.

Por este viés, pensamos que, em busca dessa imagem, que também apreendemos como identidade, sendo a poesia angolana uma perceptível tentativa de retomar os valores da terra e ressignificar a história do país, o autor angolano cria vozes líricas que internalizam a necessidade de ver, em si, o espaço externo ressignificado à luz de um reconhecimento identitário que, somente por meio da libertação política de seu povo, seria possível obter. O “eu” de fato prepondera no texto poético dos poetas angolanos, mas este traz em uníssono a voz de uma população que já não suporta mais vivenciar a subserviência imposta pelo colonizador. A poesia deles concentra em seu interior, portanto, a subjetividade do poeta que, sendo do povo, pensa e busca agir em conformidade com o que o povo almeja.

Em busca de afirmar a identidade do povo de Angola, e como instrumento de luta contra o domínio lusitano, Agostinho Neto criou poesias em que vozes líricas discorrem sobre a necessidade de se retomar, a partir do que foi possível resguardar dos valores identitários do seu povo, a história do seu país.

Além do projeto de libertação política, percebemos, também, a necessidade que os poetas manifestaram de criar uma poesia tipicamente angolana, uma poesia que representasse os ideais do país em busca de libertação e de identidade. Agostinho Neto, no poema *Criar*, nos dá uma dimensão do que constituiu a criação desse projeto poético.

### **3 – UMA LEITURA DO POEMA *CRIAR***

A primeira obra de Agostinho Neto sobre a qual discutimos, em outros trabalhos, foi o poema *Quitandeira*. Posteriormente, dando continuidade à pesquisa realizada sobre a poesia desse autor, discutimos a obra *Adeus à hora da largada*. Em ambas, percebemos a preocupação de caráter social, a necessidade de mostrar o conflito do branco em oposição ao negro, a intenção de apontar na arte poética as motivações

---

<sup>8</sup> MOISÉS, Massaud. Poesia e Prosa. In: *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.

políticas que repensavam o jugo do estrangeiro sobre o povo angolano e o convite ao povo para que este agisse – agir seria, desse modo, a não aceitação do servilismo imposto pelo colonizador que deveria manifestar-se com urgência: seja na produção literária, seja na prática.

Estas também são as características do poema recortado para nossa discussão. O título deste já nos remete à intenção que o poeta traz em si de conclamar o povo a agir – para que isto fosse viável, no entanto, seria necessário empreender um gesto ousado de ressignificação da realidade: seria necessário criar.

Antes de discorrermos sobre esta obra, façamos uma leitura:

### CRIAR

Criar criar  
criar no espírito criar no músculo criar no nervo  
criar no homem criar na massa  
criar  
criar com os olhos secos

Criar criar  
sobre a profanação da floresta  
sobre a fortaleza impudica do chicote  
criar sobre o perfume dos troncos serrados  
criar  
criar com os olhos secos

Criar criar  
gargalhadas sobre o escárnio da palmatória  
coragem nas pontas das botas do roceiro  
força no esfrangalhado das portas violentadas  
firmeza no vermelho sangue da insegurança  
criar  
criar com os olhos secos

Criar criar  
estrelas sobre o choro das crianças  
paz sobre o choro das crianças  
paz sobre o suor a lágrima do contato  
paz sobre o ódio  
criar  
criar a paz com olhos secos.

Criar criar  
criar liberdade nas estradas escravas  
algemas de amor nos caminhos paganizados  
do amor  
sons festivos sobre o balanceio dos corpos  
em forcas simuladas

criar  
criar amor com os olhos secos

O verbo criar – verbo transitivo direto que surge no infinitivo, ou seja, verbo que ainda não foi conjugado e que aponta para uma ação que ainda precisa acontecer – indica uma sugestão advinda da voz lírica que se remete a um interlocutor conclamando-o a realizar a ação de criar algo. Esta criação sugere, embora aponte também para elementos concretos, uma tentativa retórica de sensibilizar o interlocutor de modo a instigar nele, dentre outras sensações, a coragem para a luta, o ânimo para a transgressão aos ditames políticos, a consciência de que seria possível criar momentos propícios para a libertação.

O vocábulo criar é retomado no texto mais de vinte vezes e surge por meio de anáforas – bem ao gosto de poesias africanas de expressão portuguesa. Inicialmente, esse verbo remete-se à subjetividade do interlocutor, que deveria “criar no espírito”, e à concepção pragmática deste ao sugerir que seria necessário “criar no músculo criar no nervo”. A voz lírica aponta, de modo recorrente, que seria pertinente criar o algo que ele tanto sugere com “os olhos secos”. Esta imagem nos remete à ideia de que o choro não seria útil para o que era ambicionado pelo povo, mas sim a força física, a sagacidade e o poder combativo deste. Criar com os “olhos secos” poderia ser entendido como uma alusão à necessidade de que o povo deixasse de vitimar-se e tivesse coragem de realizar algo contra a condição de subserviência e mal-estar físico e psicológico a que estava submetido.

Seria imperativo criar, também, ao que indica a voz lírica, novos horizontes para a terra, uma vez que esta teria sido vilipendiada e, sobretudo, profanada. Ao citar o vocábulo “chicote”, cuja fortaleza seria “impudica”, vergonhosa, percebemos o uso criativo de uma metonímia indicativa, dentre outros aspectos, de dois elementos: o chicote poderia remeter à presença do branco com sua gana de fustigar aquele a quem coloca num patamar de inferioridade, e poderia ser considerado um objeto que concretiza a vergonha de quem por ele é fustigado.

Essa imagem indicativa de um forte teor de violência, efetivada por meio de um objeto utilizado para tal fim, é retomada no verso: “Criar / criar / gargalhadas sobre o escárnio da palmatória”. Desta feita, remete-se, uma vez que a palmatória seria utilizada como objeto de punição num contexto escolar, à ideia de que, ante a possibilidade de sofrer as pancadas da palmatória, seria uma transgressão aprender de fato o conteúdo escolar para que, sendo detentor do conhecimento, o indivíduo não precisasse ser

punido com tal instrumento. Neste caso, ao contrário, o saber zombaria do material de punição que, em verdade, figura como mais uma metonímia utilizada com a intenção de indicar as falibilidades advindas do sistema educacional vigente.

Na sequência, a voz lírica alude ao trabalho do camponês, cuja força é explorada e que, além do sofrimento físico advindo de uma atividade exaustiva, poderia ser vítima, a qualquer momento, da violência dos poderosos que teriam o poder de fazê-lo ver “suas portas violentadas”, sem que fosse possível a ele reverter esse quadro dramático.

Em versos seguintes, com perceptível lirismo, é suscitada a imagem da esperança quando a voz lírica cita que seria necessário criar “estrelas sobre o choro das crianças”. Ela repete a expressão “o choro das crianças”, em verso subsequente, e reforça o teor dramático com que expressa a dor das crianças, que seriam a esperança de novos horizontes para a terra, e amplia essa imagem com alusão à busca pela paz. A voz lírica insiste, ao retomar o vocábulo paz quatro vezes na mesma estrofe, que a paz deveria ser criada “sobre o ódio” e, principalmente, deveria subjugar-lo.

As últimas imagens apresentadas no poema, sem dúvidas imagens poéticas de valor estético mais que perceptível, cita o vocábulo liberdade pela primeira vez, ao longo do texto, e sugere que esta deveria ser criada “nas estradas escravas”. Um objeto que serve para aprisionar, como é o caso das algemas, sai do seu sentido usual e ganha um sentido metafórico quando a voz lírica indica que deveriam ser criadas “algemas de amor nos caminhos paganizados / do amor”.

A paz, a esperança e o amor poderiam, portanto, ressignificar a vida do povo angolano, mas estes só seriam viáveis se antes, sob luta intensa e engajamento político, a liberdade fosse conquistada e a identidade desse povo fosse restituída. Como resultado para a coragem de enfrentar o algoz, ao povo seria reservado um espaço festivo em que, ao contrário de serem vistos suores, sangue, choros e ranger de dentes, seriam vistos corpos em balanceio – ao contrário de corpos balançando-se em forcas, seria mais nobre, ao indivíduo, segundo a voz lírica parece sugerir, que este se entregasse à ternura do amor e suas vicissitudes.

## REFERÊNCIAS

ARNAUT, Luiz & LOPES, Ana Mônica. *História da África: uma introdução*. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.



CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: o lugar das diferenças nas identidades em processo. In: *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2. ed. Lisboa: União dos Escritores Angolanos, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARANJEIRAS, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MOISÉS, Massaud. Poesia e Prosa. In: *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasilusa: estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto*. Fortaleza: EUFC; Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1999.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.